Com apenas 31 anos, Pierre de Fredi, barão de Coubertin (1863-1937), educador e filantropo francês, conseguiu, em um congresso na Universidade de Sorbonne, de Paris, em 1894, fazer ressurgir as Olimpíadas, com o nome de Jogos Olímpicos da Era Moderna. Idealista ao extremo, Coubertin não mediu esforços junto a vários países, convencendo-os de que os benefícios sociais do esporte só seriam conquistados com a realização periódica de competições internacionais, a cada quatro anos, como faziam os gregos. O barão acreditava firmemente que as glórias da Grécia em sua idade de ouro deveram-se, em grande parte, ao impulso que aquela sociedade deu à atividade física e à importância dos eventos de competição esportiva.

Sensível à rapidíssima evolução da ciência e das artes no fim do século XIX, Coubertin sabia da complexa tarefa de conceituar regras e definir, dentro de um legítimo e equilibrado critério, as bases para o ideal olímpico da era moderna: "O essencial não é vencer, mas competir com lealdade, cavalheirismo e valor". Ao contrário do que convencendo-os de que os benetícios sociais do esporte só seriam conquistados com a realização periódica de competições internacionais, a cada quatro anos, como faziam os gregos. O barão acreditava firmemente que as glórias da Grécia em sua idade de ouro deveram-se, em grande parte, ao impulso que aquela sociedade deu à atividade física e à importância dos eventos de competição esportiva.

Sensível à rapidíssima evolução da ciência e das artes no fim do século XIX, Coubertin sabia da complexa tarefa de conceituar regras e definir, dentro de um legítimo e equilibrado critério, as bases para o ideal olímpico da era moderna: "O essencial não é vencer, mas competir com lealdade, cavalheirismo e valor". Ao contrário do que ocorria nos jogos Olímpicos da Antiguidade, em que atletas profissionais também competiam, lançou-se a ideia de restringir a disputa a atletas amadores, oferecendo-se, assim, aos participantes de todas as nacionalidades oportunidades iguais de vitória.